

AJUDA PARA LIDERANÇAS ECLESIASTICAS EM CRISE¹

Erich Luiz Leidner²

RESUMO

O presente artigo informa que, na atualidade, circular no meio evangélico brasileiro é defrontar-se com inúmeros movimentos que se infiltram no seio da Igreja com o objetivo de arrematar membros e, se possível, a sua liderança. Cabe à liderança local ter uma postura firme e adequada, reconhecendo o propósito de ser Igreja, para fazer frente a tais movimentos e resguardar a congregação dos ataques, a fim de evitar perdas e manter a proclamação do evangelho em alto grau. A chave para tal resultado é a formação de liderança bem preparada e que tenha em mente perseverar frente aos embates que surgem.

Palavras-chave: Pastores. Liderança Eclesiástica. Heresias.

ABSTRACT

This article informs that the current evangelical Brazilian camp is faced with numerous infiltrating movements within the Church which attempt to recruit members and, if possible, its leadership. It is up to local leaders to have a firm and appropriate stance, recognizing the purpose of being the Church, responding to

¹ Artigo apresentado ao Curso de Pós-Graduação (lato sensu) em Teologia na FACEL – Curitiba/PR (2011).

² Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Batista de São Paulo. Pós-Graduado (lato sensu) em Teologia pela FACEL de Curitiba. Professor e capelão da Faculdade Batista Pioneira de Ijuí. E-mail: elleidner@pioneira.org.br.

these movements and protecting the congregation from attacks so that losses may be avoided and a high commitment to the proclamation of the gospel is maintained. The key is the formation of well-prepared leadership and the determination to preserve in the face of arising conflicts.

Keywords: Pastors. Ecclesiastical leadership. Heresies.

I. INTRODUÇÃO

O presente artigo destina-se a ser um auxílio para a liderança evangélica no Brasil, que vem enfrentando inúmeros embates em suas Igrejas locais com movimentos cujos objetivos, declarados ou não, são convencer os membros a segui-los. Não raramente estas lideranças são vencidas na tentativa de manter a congregação unida.

Baseado em textos bíblicos e em bibliografia de renomados escritores, o artigo oferece um caminho para a resolução dos conflitos e manutenção do ambiente harmônico e construtivo dentro da Igreja local.

2. OS MOVIMENTOS – ENTENDENDO A IGREJA

A compreensão do que vêm a ser os movimentos que influenciam as Igrejas, seja na ortodoxia, seja na estrutura ou no seu funcionamento, passa pela compreensão do que é a Igreja. Entendemos que o termo Igreja tem a conotação de um grupo de pessoas congregado em determinado lugar para servir a Jesus Cristo. Não o templo, que popularmente também é assim denominado. Por outro lado, não se pode olvidar o sentido espiritual da Igreja.

Justo González assim define:

Mesmo que sempre se refira à comunidade dos fiéis, o termo 'Igreja' tem diversos significados segundo seu contexto. Algumas vezes se refere à congregação local, como no caso da 'igreja de Éfeso' ou 'a igreja se reunirá esta noite'. Outras vezes inclui todos os crentes em todas as partes, como em Efésios 3.10. Também é utilizado como nome de uma denominação ou comunidade de fé particular, como quando se fala da Igreja Presbiteriana ou da Igreja Anglicana. Às vezes se refere aos dirigentes autorizados de uma comunhão particular, como, quando entre os católicos romanos se diz que 'a igreja ensina que...' Mesmo que todos esses sentidos sejam diferentes, há uma relação entre todos eles.³

³ GONZÁLEZ, Justo. Breve dicionário de teologia. Tradução de Silvana Perrella Brito. São Paulo: Hagnos, 2009. p. 166-167.

Ao tratar da influência de movimentos na Igreja, a referência é sobre a congregação local. Mesmo tendo uma estrutura específica e documentos que a tornam inclusive parte de todo um conjunto da sociedade organizada na qual está inserida, segundo Ray C. Stedman, ela é e continua sendo diferente de toda e qualquer instituição e entidade social.

O apóstolo (Paulo) reconhece claramente a verdadeira natureza e função da igreja. Ela não é uma instituição humana. Não deve projetar a sua própria estratégia e estabelecer suas próprias metas. Não é uma organização independente, que existe pela força de seus números. Ela é, isto sim, um corpo chamado para um relacionamento todo especial com Deus. Nesta carta aos Efésios, o apóstolo usa uma série de figuras, que descrevem este relacionamento. A igreja, diz ele, é um corpo sob a direção de sua cabeça.⁴

O propósito da Igreja pode ser entendido como sendo em três direções. Primeiramente, a de glorificar a Deus, reconhecendo a sua soberania e divindade, por meio do sacrifício expiatório de Jesus. Filipenses 2.8-11 diz:

E, sendo encontrado em forma humana, humilhou-se a si mesmo e foi obediente até a morte, e morte de cruz! Por isso Deus o exaltou à mais alta posição e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para a glória de Deus Pai.

Uma segunda missão que a Igreja possui é a de reunir e propiciar o crescimento e desenvolvimento espiritual de seus membros, auxiliando-os a serem conformes o Senhor da Igreja, Jesus Cristo, segundo a orientação do apóstolo Paulo em Efésios 4.11-16:

E ele designou alguns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas, e outros para pastores e mestres, com o fim de preparar os santos para a obra do ministério, para que o corpo de Cristo seja edificado, até que todos alcancemos a unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus, e cheguemos à maturidade, atingindo a medida da plenitude de Cristo. O propósito é que não sejamos mais como crianças, levados de um lado para outro pelas ondas, nem jogados para cá e para lá por todo vento de doutrina e pela astúcia e esperteza de homens que induzem ao erro. Antes, seguindo a verdade em amor, crescamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo. Dele todo o

⁴ STEDMAN, Ray C. *A igreja corpo vivo de Cristo*. Tradução de Walter Schlupp. 2. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1981. p. 16.

corpo, ajustado e unido pelo auxílio de todas as juntas, cresce e edifica-se a si mesmo em amor, na medida em que cada parte realiza a sua função.

Por derradeiro, a missão que a Igreja possui é a de anunciar a Jesus Cristo como Senhor e Salvador de toda a humanidade caída no pecado. Esta tarefa não é unicamente dos pastores ou missionários, mas de cada um dos membros regenerados.

Deus, nosso Salvador, que deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade. Pois há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens: o homem Cristo Jesus, o qual se entregou a si mesmo como resgate por todos. Esse foi o testemunho dado em seu próprio tempo. Para isso fui designado pregador e apóstolo (Digo-lhes a verdade, não minto.), mestre da verdadeira fé aos gentios (1 Timóteo 2.3-7).

A Igreja, experimentando a perseguição, orou assim: “Agora, Senhor, considera as ameaças deles e capacita os teus servos para anunciarem a tua palavra corajosamente” (Atos 4.29). Este reconhecimento da responsabilidade de anunciar a Jesus Cristo torna a Igreja ativa e atuante no seu meio.

Porque, partindo de vocês, propagou-se a mensagem do Senhor na Macedônia e na Acaia. Não somente isso, mas também por toda parte tornou-se conhecida a fé que vocês têm em Deus. O resultado é que não temos necessidade de dizer mais nada sobre isso, pois eles mesmos relatam de que maneira vocês nos receberam, e como se voltaram para Deus, deixando os ídolos a fim de servir ao Deus vivo e verdadeiro, e esperar dos céus seu Filho, a quem ressuscitou dos mortos: Jesus, que nos livra da ira que há de vir (1 Tessalonicenses 1.8-10).

Omanson, na *Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã*, resume a missão da Igreja em dois propósitos:

A Igreja tem um duplo propósito; deve ser um sacerdócio santo (1 Pe 2.5) e deve ‘proclamar as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz’ (1 Pe 2.9). A Igreja inteira deve exercer as tarefas do sacerdócio em relação ao mundo. Como sacerdócio, a Igreja tem confiada a si a responsabilidade de levar a Palavra de Deus à humanidade e de interceder junto a Deus em favor dos homens.

Além da função sacerdotal, a Igreja também tem uma função missionária de declarar os atos maravilhosos de Deus. A tarefa missionária da Igreja não é opcional, porque, pela sua própria natureza, a Igreja é missão. Além disso, a missão está no mundo

e é para o mundo, e não em si mesma e para si.⁵

A responsabilidade de manter a Igreja - e neste caso em especial a congregação local - rumo aos seus propósitos cabe aos líderes. Como já mencionado no texto de Efésios 4, acima referido, a Igreja recebe os dons para efetivar a liderança, ou seja, “ele designou alguns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas, e outros para pastores e mestres” (4.11). Ao comentar os mesmos, Stedman afirma:

Não deixe de notar que cada um desses quatro ministérios de apoio tem a ver com a palavra de Deus. Os dois primeiros - apóstolos e profetas - dão origem e expõem a palavra, ao passo que os dois últimos - evangelistas e pastores-mestres - aplicam a palavra à vida dos indivíduos. O evangelista lida com os inícios da vida cristã, ao passo que o pastor se preocupa com o desenvolvimento e o crescimento dessa vida. Evangelistas são basicamente obstetras, lidando com o nascimento, enquanto que os pastores são pediatras, ocupando-se com a dieta, as doenças e a necessidade de ar fresco e exercício da criança.⁶

Pela observação, ainda não possuindo dados estatísticos que confirmem os fatos, em geral os movimentos que afetam a Igreja (congregação) antes já afetaram os líderes. Em razão disto, é de suma importância o cuidado da liderança no exercício de suas funções. Paulo, o apóstolo, aconselhou a seu discípulo Timóteo: “Atente bem para a sua própria vida e para a doutrina, perseverando nesses deveres, pois, agindo assim, você salvará tanto a si mesmo quanto aos que o ouvem” (1 Timóteo 4.16).

Ao despedir-se dos líderes da Igreja em Éfeso, o apóstolo exorta: “Cuidem de vocês mesmos e de todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo os colocou como bispos, para pastorearem a igreja de Deus, que ele comprou com o seu próprio sangue” (Atos 20.28). E o autor do livro aos Hebreus afirma: “Obedeçam aos seus líderes e submetam-se à autoridade deles. Eles cuidam de vocês como quem deve prestar contas. Obedeçam-lhes, para que o trabalho deles seja uma alegria e não um peso, pois isso não seria proveitoso para vocês” (13.17). Destaca-se a citação: “eles cuidam de vocês como quem deve prestar contas”, pois resume o princípio de que a liderança da Igreja deve ser idônea e estar atenta a todo movimento contrário à sua doutrina, com isto podendo orientar e ensinar a congregação a identificar e evitar o erro.

⁵ OMANSON, R. L. Igreja. In: ELWELL, Walter A. Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1990. Vol. II, p. 290.

⁶ STEDMAN, 1981, p. 78.

3. OS MOVIMENTOS – O QUE SÃO E COMO AGEM

Tomando como base os argumentos acima, percebe-se que desde o início do cristianismo há, tanto em suas cercanias quanto em seu meio, grupos que se infiltram tramando e objetivando divisões. O próprio termo usado para tais definições denota isto.

O termo seita vem do latim, *secia*, termo derivado do participio passado de *secare* (contar, separar) ou de *sequi* (seguir), e tem o sentido de partido, escola, facção. Refere-se a um grupo cuja identidade consiste em pertencer parcialmente a um grupo social maior, normalmente um grupo religioso. A identidade mais precisa de uma seita está em seu líder mais importante ou em algum ensino ou prática peculiar. A palavra seita tem sido normalmente usada para se referir a grupos que se separam de outros já existentes, como foi o caso dos primeiros cristãos que se separaram do judaísmo e também dos protestantes que se separaram da Igreja Católica Romana. Além disso, o termo também tem sido aplicado aos grupos que mantêm sua identidade sem se separar dos grupos maiores a que pertencem. Tal é o caso, por exemplo, dos fariseus entre os judeus e dos puritanos na Igreja Anglicana. Em um sentido mais amplo, até mesmo um movimento religioso popular não organizado pode ser considerado uma seita.⁷

Os registros bíblicos referem que tais são muitos e que as atividades destes grupos têm por finalidade a confusão dos membros da Igreja. “Porque há muitos insubordinados, meros faladores e enganadores, principalmente os da circuncisão” (Tito 1.10). Em outra referência consta: “Porque muitos enganadores já saíram pelo mundo, os quais não declaram que Jesus Cristo veio em corpo. Quem assim procede é o enganador e o anticristo” (2 João 7).

Quanto a sua mensagem, as advertências bíblicas registram que tais pregadores são capazes de arremessar grandes quantias de pessoas pela sua astúcia e capacidade de persuasão: “Pois virá o tempo em que não suportarão a sã doutrina; ao contrário, sentindo coceira nos ouvidos, juntarão mestres para si mesmos, segundo os seus próprios desejos. Eles se recusarão a dar ouvidos à verdade, voltando-se para os mitos” (2 Timóteo 4.3,4).

Jesus mesmo adverte a respeito de tais grupos e o seu *modus vivendi* para se fazerem ouvir: “Cuidado com os mestres da lei. Eles fazem questão de andar com roupas especiais, e gostam muito de receber saudações nas praças e de ocupar os lugares mais

⁷ HEXHAM, I; GALLATIN, H. K.; SAYÃO, L. A. T. Seitas, sectarismo. In: ELWELL, 1990, Vol. III, p. 375.

importantes nas sinagogas e os lugares de honra nos banquetes. Eles devoram as casas das viúvas, e, para disfarçar, fazem longas orações” (Lucas 20.46,47).

Ao longo da história estes movimentos se perpetuaram e fizeram com que a mensagem da Palavra de Deus, ao invés de ser acreditada, recebesse um número crescente de inimigos. Citando novamente Stedman, vem a seguinte constatação:

Ao compararmos as igrejas de hoje com o projeto original, caem em vista os muitos desvios que foram permitidos e que têm resultado em detrimento para a vida da igreja. Através dos séculos a igreja foi gradualmente deixando de lado as simples providências que dela fizeram uma força tão poderosa e propulsora em seus primeiros anos, e nela entraram então as terríveis distorções que hoje nos causam grande sofrimento.⁸

O grande sofrimento, ao qual Stedman (1981) se refere, é apreçoado como um trunfo pelos líderes dos movimentos. Pastoreando uma Igreja que foi afetada por um destes movimentos num passado recente, percebe-se que as distorções introduzidas pelo ensino e práticas distintos da Bíblia causam um mal muito grande na vida das pessoas afetadas. No intuito de resgatar uma pessoa que fora “excluída” da Igreja por não concordar com a liderança e pregação do movimento, quando convidada a voltar à Igreja, agora sob a visão bíblica novamente, ela esbravejou: “Os que querem me convidar a voltar para a Igreja, depois de todo mal que sofri em minha vida, fiquem onde estão!” Verdadeiramente, tal pessoa não teve a capacidade de diferenciar um grupo do outro.

Os movimentos modernos que influenciam a Igreja com os seus ensinamentos são igualmente sutis na abordagem e apresentação de seus ensinamentos. Paulo Romeiro, estudioso respeitado destes movimentos, em seu livro *Evangélicos em crise* apresenta as principais correntes. Entre os que têm causado danos à Igreja, especialmente no Brasil, cita a influência dos pregadores que defendem a homossexualidade ou as ligações com o movimento ecumênico, passando a mostrar o quanto a ideia da corrente da Confissão Positiva e do Evangelho da Prosperidade se espalha em várias ramificações. Adiante, aborda como o “culto à personalidade” tem levado muitos fiéis a dedicarem devoção ardorosa aos seus líderes.

É incrível também a pressa com que alguns líderes evangélicos, ministérios e igrejas tratam de explorar a fama de algum astro do futebol ou do mundo artístico. Basta alguém acenar com uma conversão e o novo convertido (se é que houve uma conversão genuína) já estará diante de um grande auditório num ginásio,

⁸ STEDMAN, 1981, p. 79.

num estádio ou numa igreja. A pessoa ainda nem conhece o básico da fé cristã, ainda não abandonou por completo a velha vida (em muitas igrejas isso já nem é mais preciso), nem teve qualquer crescimento espiritual e já é promovida à posição de pregador e ungido do Senhor. Infelizmente o que tem acontecido é que, logo depois dos testemunhos e de todo o barulho provocado por tal celebridade, surgem fracassos e fatos embaraçosos, trazendo vergonha e desonra para o Evangelho. É preciso mais cuidado.⁹

Além destes, estão muito em voga movimentos como o G12, MR12, Igreja Universal, Igreja Internacional da Graça e Igreja Mundial do Reino de Deus. Estes e outros estão centrados em mensagens de prosperidade e milagres em larga escala; a maioria possui programas televisivos que alcançam todo o país e além, o que resulta na fácil penetração na casa de qualquer pessoa e, por conseguinte, na dos membros de Igrejas. Esta liberdade de propagação em “grande escala” tem produzido muitos males ao evangelho e às Igrejas, e tem trazido superficialidade à vida cristã, falta de discernimento e de limites. Ainda Paulo Romeiro:

A crise aumenta à medida que diminui o discernimento ou há falta dele por parte de igrejas e líderes cristãos. Temos constatado a carência de orientação e de informações de muitos evangélicos quando viajamos para ministrar cursos em igrejas, seminários teológicos e em outras instituições, em diferentes partes do Brasil. Os fatos a seguir darão uma ideia da dimensão da crise. Alguns deles são chocantes:

- Há evangélicos que enviam seus dízimos para a LBV (Legião da Boa Vontade), pensando tratar-se de uma organização evangélica. A LBV é uma seita espírita.
- Pastores evangélicos usam as revistas *Desperta!* e *A Sentinela das Testemunhas-de-Jeová* para ministrar à Escola Dominical. Outros já usaram a revista *Acendedor*, da *Seicho-No-Iê*.
- Algumas igrejas dão seus púlpitos aos mórmons, só porque dizem ser missionários norte-americanos.¹⁰

Como consequência destes movimentos nas Igrejas, vê-se estabelecida uma crise no meio do povo denominado evangélico no Brasil. Augustus Nicodemus Lopes afirma:

É evidente a crise gigantesca em que os evangélicos se encontram: indefinição quanto aos rumos teológicos, multiplicidade de teologias divergentes, falta de liderança com

⁹ ROMEIRO, Paulo. *Evangélicos em crise*. São Paulo: Mundo Cristão, 1995. p. 60.

¹⁰ ROMEIRO, 1995, p. 16.

autoridade moral e espiritual, derrocada doutrinária e moral de líderes que um dia foram reconhecidos como referência, ascensão de líderes totalitários que se autodenominam pastores, bispos e apóstolos, conquista gradual das escolas de teologia pelo liberalismo teológico, ausência de padrões morais que pautem ao menos a disciplina eclesiástica, depreciação da doutrina, mercantilização de várias editoras evangélicas que passaram a publicar livros de linha não evangélica, surgimento das chamadas igrejas emergentes. Como resultado, cada vez mais pessoas procuram igrejas para se sentirem bem, para buscarem solução imediata de seus problemas, sem sequer refletir nas questões mais profundas acerca da existência e da eternidade, migrando de uma comunidade para outra sem qualquer compromisso ou engajamento com a vida cristã.¹¹

Diante disto, Igrejas, pastores e líderes que têm como objetivo seguir a Bíblia e manter a sua conduta baseada em seus princípios, sofrem com isto. São abordados por seus membros a adotarem práticas semelhantes, a “amenizarem” os seus sermões e outros argumentos tais. O apóstolo Paulo afirma que “É verdade que alguns pregam Cristo por inveja e rivalidade, mas outros o fazem de boa vontade. Estes o fazem por amor, sabendo que aqui me encontro para a defesa do evangelho. Aqueles pregam Cristo por ambição egoísta, sem sinceridade, pensando que me podem causar sofrimento enquanto estou preso” (Filipenses 1.15-17). A postura adequada em tais situações é que salvará a igreja local de divisões e sofrimentos desnecessários.

4. POSTURAS ADEQUADAS DIANTE DOS MOVIMENTOS

A grande discussão gira em torno de como manter uma igreja local unida e forte, capaz de resistir à influência de movimentos. Como a entrada destes grupos já vem desde os primórdios do cristianismo, é fundamental reconhecer que não devem ser encarados como normais, ou até no sentido que “divisões podem ser bênçãos”! A forma categórica como o apóstolo Paulo se posiciona a respeito não deixa dúvidas de que toda e qualquer divisão jamais traz bênção, pelo contrário, denota a falta de maturidade espiritual: “Porque ainda são carnis. Porque, visto que há inveja e divisão entre vocês, não estão sendo carnis e agindo como mundanos?” (1 Coríntios 3.3).

O ensino bíblico para uma postura adequada vai em direção oposta: “Procurem aperfeiçoar-se, exortem-se mutuamente, tenham um só pensamento, vivam em paz. E o Deus de amor e paz estará com vocês” (2 Coríntios 13.11). Aqueles que de fato

¹¹ LOPES, Augustus Nicodemus. *O que estão fazendo com a Igreja: ascensão e queda do movimento evangélico brasileiro*. São Paulo: Mundo Cristão, 2008. p. 20.

são sábios, não apenas de falácia, recebem de Deus a capacidade de promover um ambiente de paz, conforme o apóstolo Tiago ensina: “Mas a sabedoria que vem do alto é antes de tudo pura; depois, pacífica, amável, compreensiva, cheia de misericórdia e de bons frutos, imparcial e sincera. O fruto da justiça semeia-se em paz para os pacificadores” (Tiago 3.17,18).

Por estas razões, todo aquele que se infiltrar na Igreja, ainda que com uma aparência de santidade e argumentos convincentes, mas não pregar a Jesus Cristo, deve ser desprezado, conforme Gálatas 1.6-9:

Admiro-me de que vocês estejam abandonando tão rapidamente aquele que os chamou pela graça de Cristo, para seguirem outro evangelho que, na realidade, não é o evangelho. O que ocorre é que algumas pessoas os estão perturbando, querendo perverter o evangelho de Cristo. Mas ainda que nós ou um anjo dos céus pregue um evangelho diferente daquele que lhes pregamos, que seja amaldiçoado! Como já dissemos, agora repito: Se alguém lhes anuncia um evangelho diferente daquele que já receberam, que seja amaldiçoado!

Como então agir ou reagir quando movimentos, com toda a sutileza e artimanha, se aproximam e tentam se infiltrar e minar a Igreja local? No início deste artigo já se fez referência ao texto de Efésios 4, no qual o apóstolo Paulo faz uma descrição do modo pelo qual é possível alcançar resistência na igreja e como igreja no seu todo. A ênfase recai ali sobre a liderança bem equipada e provida dos dons espirituais. Assim sendo, a unidade da Igreja e a manutenção do ensino coerente da Palavra de Deus depende em geral da condução que o pastor dá ao rebanho.

Uma vez que os santos não eram dirigidos para uma compreensão mais profunda e mais clara das grandes provisões de vida e de poder acessíveis a eles através do Espírito, ficaram enfatiados e insensíveis ao evangelho que ouviam a cada semana, caindo em apatia, críticas, brigas, disputas, divisões e cisões, e eventualmente em uma vivência dissoluta e em padrões duplos e hipócritas.¹²

A preparação de lideranças pastorais fortes e capazes passa a ser primordial, levando a igreja a ter segurança no caminho a seguir, sem percalços e prejuízos que marcam negativamente o evangelho. Spurgeon dizia a seus alunos: “Exigimos que os ministros de Deus sejam a nata de todos os que formam nos exércitos de Cristo. Homens tais que, se a nação quisesse reis, não poderia fazer melhor do que elevá-los

¹² STEDMAN, 1981, p. 85.

ao trono”.¹³

Augustus Nicodemus Lopes argumenta nesta linha, afirmando a necessidade do temor a Deus como forma de permanecer firme:

Até onde entendo, só há uma coisa que mantém o cristão na verdade: o temor a Deus, a humildade e um coração quebrantado. Os que verdadeiramente se humilham diante de Deus e tremem de sua Palavra, mesmo que errem em pontos secundários, que caíam eventualmente em pecados, jamais se afastarão definitivamente de Deus e da sua Palavra. O verdadeiro crente não pode mais abandonar a Deus. Nem que queira. Nem que em momentos terríveis diga a Deus que nunca mais o servirá. Ele acaba voltando.¹⁴

Consciente da responsabilidade de preparar o seu discípulo Tito, o apóstolo Paulo o orienta a respeito dos que ensinam heresias e falsas doutrinas: “*É preciso fazê-los calar, pois, motivados pela ganância, transtornam casas inteiras, ensinando o que não convém*” (Tito 1.11). Recentemente, proferindo palestra num encontro internacional de pastores, o Prof. Antônio Renato Gusso, abordando o tema, afirmou:

O alerta da Bíblia está aí, contra os falsos mestres. É necessário estudar a Palavra para identificá-los com segurança. Os hereges de nossos tempos têm se especializado em comunicação. Falam exatamente aquilo que seus ouvintes desejam ouvir. Assim, para identificá-los, observe a vida deles pelos preceitos da Bíblia e não pelos seus discursos.¹⁵

E continua:

Alertemos o nosso povo. É hora de dar o nome dos falsos profetas que estão atacando. Orientemos as igrejas a que desliguem a televisão, que escolham bem os programas de rádio, etc. Assim teremos uma chance de fazê-los calar! Os pregadores de heresias são como lobos que devoram nossas ovelhas. Nós, como líderes e pastores, temos a obrigação de defender nossos liderados destes predadores, assim como Jesus e seus primeiros seguidores, Pedro, Paulo, João, etc., fizeram.¹⁶

Realizando uma pesquisa sobre as necessidades da igreja atual, os autores Greg L. Hawkins e Cally Parkinson apresentam o seguinte resultado:

A categoria unidade/estabilidade expressa a expectativa de que

¹³ SPURGEON, C. H. *Lições aos meus alunos*. Tradução de Odayr Olivetti. São Paulo: PES, 1982. Vol. 2, p. 10.

¹⁴ LOPES, 2008, p. 27.

¹⁵ Palestra proferida no Encontro de Pastores da Convenção Pioneira e da Associação Germano Argentina, no dia 30 de junho de 2011, em Carazinho/RS.

¹⁶ *Ibidim*.

o pastor titular é reconhecidamente o líder da igreja. Em outras palavras, as pessoas esperam que o pastor titular seja mais do que um porta-voz do direcionamento e do futuro da igreja. Elas também esperam que o pastor titular mostre liderança, que tome decisões para garantir que a igreja fique segura em termos financeiros e livre de conflitos. As duas afirmações que definem essa categoria são:

- Mantém a harmonia, lida com os que causam conflitos, evita ou soluciona problemas.
- Ajuda a garantir que a igreja tenha estabilidade financeira.

As pessoas enxergam o pastor titular como uma força estabilizadora, tanto na administração íntegra das finanças da igreja quanto na prestação de contas que devem fazer aqueles que ocupam posições de liderança na igreja. Os membros também esperam que o pastor titular facilite e mantenha a harmonia entre os que participam da comunidade eclesial.¹⁷

A busca pela não divisão deve ser o foco, e uma direção apontada por David W. F. Wong é a de relacionamentos saudáveis:

Os líderes precisam conscientizar-se do valor de relacionamentos pessoais fortes entre eles. É preciso cultivar relacionamentos de confiança e respeito mútuos. Em tempos de crise esses laços podem evitar desconfianças desnecessárias. No contexto pessoal e informal a discussão é muito mais frutífera e construtiva do que no contexto oficial e em reuniões públicas. Uma vez que alguém foi confrontado ou denegrido em público, o dano dificilmente pode ser reparado. O tempo investido em relacionamentos pessoais pode evitar esse desastre.¹⁸

Em termos finais, a liderança de um pastor que está consciente de sua missão nela persevera, independentemente das situações. Em muitos casos a igreja entra por caminhos difíceis, atraída por movimentos, mas em razão de ter havido uma liderança firme e duradoura, que impingisse nela valores tais que produzem condições de resistência e avaliação adequadas, consegue superar as dificuldades. Russel Shedd afirma:

John Haggai, depois de examinar cuidadosamente personalidades históricas e compará-las com líderes atuais, chegou a seguinte conclusão: 'Um fator distingue a organização que vence: a habilidade de permanecer'. A persistência vem

¹⁷ HAWKINS, Greg L.; PARKINSON, Cally. *Mantenha o foco*. Tradução de Marson Guedes. São Paulo: Vida, 2010. p. 70.

¹⁸ WONG, David. *Sabedoria pastoral: trilhando o caminho entre a ingenuidade e o cinismo*. Tradução de Hans Udo Fuchs. Curitiba: Descoberta, 1999. p. III.

com a firmeza das convicções que uma pessoa mantém. O percurso que ela escolhe é o escolhido por Deus. Esse percurso é mais digno do que qualquer outro. Começar bem é bom, mas terminar bem é muito melhor.¹⁹

Encerrando, vale citar que o apóstolo Paulo recomenda que o líder “apegue-se firmemente à mensagem fiel, da maneira como foi ensinada, para que seja capaz de encorajar outros pela sã doutrina e de refutar os que se opõem a ela” (Tito 1.9).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O pastor vive entre dois extremos. Um é o de esclarecer a congregação com a Palavra de Deus, ser o porta-voz do Senhor num mundo conturbado e cheio de “vozes”. Por outro lado, ao mesmo tempo é o defensor da verdade, aquele que com coragem enfrenta os ensinamentos errados que vêm sobre o povo da Igreja.

Tendo como base estas convicções, deverá ser propósito de todo pastor e da liderança da Igreja local auxiliar no discernimento entre a verdade e o erro. Agindo assim, estarão inibindo em muito o surgimento de doutrinas baseadas apenas em experiências particulares e de interpretação egocêntrica, o que também leva ao culto de homens. O resultado será a volta para uma fé simples, que glorifica a Deus, tem a Bíblia como autoridade e base única para vida e fé.

O pastor e a liderança de Igreja que assim proceder certamente desfrutarão de um ambiente saudável, onde ocorre o crescimento e a salvação de vidas, e acima de tudo a glorificação do Senhor Jesus. “O nosso Senhor Jesus, o grande Pastor das ovelhas, os aperfeiçoe em todo o bem para fazerem a vontade dele, e opere em nós o que lhe é agradável, mediante Jesus Cristo, a quem seja a glória para todo o sempre. Amém” (Hebreus 13.20,21).

REFERÊNCIAS

ELWELL, Walter A (Edit.). *Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã*.

Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1990. 3 vol.

GONZÁLEZ, Justo. *Breve dicionário de teologia*. Tradução de Silvana Perrella Brito. São Paulo: Hagnos, 2009.

¹⁹ SHEDD, Russel P. *O líder que Deus usa: resgatando a liderança bíblica para a Igreja no novo milênio*. Tradução de Edmilson F. Bizerra. São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 35.

HAWKINS, Greg L.; PARKINSON, Cally. **Mantenha o foco**. Tradução de Marson Guedes. São Paulo: Vida, 2010.

LOPES, Augustus Nicodemus. **O que estão fazendo com a Igreja**: ascensão e queda do movimento evangélico brasileiro. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

ROMEIRO, Paulo. **Evangélicos em crise**. São Paulo: Mundo Cristão, 1995.

SHEDD, Russel P. **O líder que Deus usa**: resgatando a liderança bíblica para a Igreja no novo milênio. Tradução de Edmilson F. Bizerra. São Paulo: Vida Nova, 2000.

SPURGEON, C. H. **Lições aos meus alunos**. Tradução de Odayr Olivetti. São Paulo: PES, 1982. Vol. 2.

STEDMAN, Ray C. **A Igreja corpo vivo de Cristo**. Tradução de Walter Schlupp. 2. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1981.

WONG, David. **Sabedoria pastoral**: trilhando o caminho entre a ingenuidade e o cinismo. Tradução de Hans Udo Fuchs. Curitiba: Descoberta, 1999.